

Discurso do presidente do Consea, Renato S. Maluf, na abertura do "Seminário PAA – Balanço e Perspectivas".

Data: 16/06/2008

Brasília, 16 de junho de 2008

Bom dia a todos. Bom dia ministro Altemir Gregolin. Bom dia ministro Patrus Ananias, na pessoa de quem cumprimento a todos da mesa.

Quero dizer que é com muita satisfação e até com uma pontinha de orgulho que eu participo da abertura deste seminário. Vocês sabem que a idéia, a proposta deste seminário nasceu dentro do Consea e foi rapidamente acolhida pelos envolvidos, especialmente pelo MDS, pela Conab e pelo MDA. E se nós dermos uma olhada na presença que já temos e na programação do seminário, acho que a gente pode dizer, sem medo de errar, que esse evento será um sucesso. Então eu quero começar cumprimentando a comissão organizadora do seminário pelo trabalho desenvolvido.

Eu vou tentar não ser repetitivo porque o PAA é um desses consensos que as pessoas, que todo mundo gosta, não é? Então a possibilidade de você passar todo tempo elogiando é muito grande. Vou tentar não ser repetitivo e, em pouco tempo, tentar contribuir em alguma medida para essa discussão.

Acho que muito já foi falado aqui, do caráter inovador do programa. É verdade. Ele é um programa, eu acho que eu posso afirmar sem medo de errar, que talvez seja uma das principais novidades no campo das políticas públicas nessa área alimentar, nos últimos anos, no Brasil. Ele é novo pela sua concepção intersetorial. Ele inova pela maneira da sua implementação, não é?

Mas ele tem uma característica interessante, que aliás esse consenso que eu mencionei agora até se deve a ela. Notem que esse é um programa cujo êxito dependeu muito de ele ser apropriado pela população, pelos setores envolvidos, ou seja, pelo PAA ser comprado pelos setores que, de alguma maneira, participam dele. Isso é uma boa reflexão que a gente pode fazer, em um seminário como esse, no sentido de ver como é que as políticas públicas, o êxito do seu bom desenvolvimento. [inaudível] Fundamentalmente, de elas serem compreendidas pela sociedade, apropriadas pela sociedade. Aí reside grande parte do êxito dos programas, não é?!

Eu digo isso porque não anda longe o tempo em que a gente de vez em quando era surpreendido com esse, com uma concepção de política que achava que a qualidade dos gestores estava na sua capacidade de nos surpreender, né? E a gente, a cada momento, era confrontado com novidades nem sempre boas. E o PAA é uma história exatamente inversa. É uma história de uma construção, de um diálogo da sociedade civil e governo. Esse diálogo está aqui hoje novamente. E um programa que foi sendo gradativamente reconhecido e apropriado pela sociedade.

Se ele já era inovador, seu caráter inovador vai ficar mais evidente agora neste contexto de crise que estamos vivendo. Eu não vou repetir o que já foi falado sobre a crise. O Consea fez uma plenária no final do mês passado, na qual aprovou uma exposição de motivos ao Presidente da República, que contém, no meu ponto de vista, sem nenhuma falsa modéstia, uma construção coletiva, um bom diagnóstico da crise que estamos vivendo, com alguma proposição. Como o Tortelli já falou, o Mauro já falou, é uma crise de modelo que nós estamos vivendo.

O PAA é um instrumento que pode permitir o enfrentamento desta crise de uma maneira diferenciada. As vozes dominantes do debate nacional têm tentado nos convencer que a melhor resposta a esta crise é a gente ter mais do mesmo, mais grande produção, mais tecnologia, mais agroquímico, mais monocultura. E nós estamos dizendo que não – mais comércio, supostamente livre, comércio internacional supostamente livre - e nós estamos dizendo não, porque são justamente esses elementos do modelo que estão em crise, estão no fundamento desta crise. E o PAA é um instrumento para a gente enfrentá-la. Mas, para isso, ele precisa, ele – PAA - e nós, portanto, tratarmos de alguns desafios. Eu vou mencionar quatro desafios como contribuição para a nossa discussão.

Primeiro é que o PAA consiga avançar como política pública, o que foi tocado, alguns aspectos relacionados com isso. Quero dizer dois que eu acho que não foram suficientemente tratados. Avançar como política pública quer dizer o seguinte: ter um programa que tenha objetivos, metas etc. Mas ele pode e deve ser pensado para além dos objetivos específicos que ele tem de comprar produtos e destinar produtos para programas.

Acho que este avanço deveria se dar pelo menos em dois campos. Um é promovendo uma articulação do PAA a uma Política Nacional de Abastecimento Alimentar que este país não tem. O Brasil abandonou a idéia de política de abastecimento desde os anos 90 e até agora a gente não conseguiu reconstruir, como se deve, com uma concepção que nós queremos, uma concepção de segurança alimentar, de soberania alimentar, de direito. Isto nós não temos. Uma concepção de abastecimento que recupera o papel do estado, como já falou o companheiro da Via Campesina. E o PAA ele pode ser um instrumento fundamental na

reconstrução desta política junto com outros: recuperação da Conab, equipamentos públicos de abastecimento, etc. Uma forte ação no plano estadual e municipal.

E o outro caminho de avanço é justamente na sua [inaudível] com as políticas sociais. Notem que, quando a gente fala da intersetorialidade, isso é um exercício difícil, viu? O pessoal do grupo gestor do PAA depois podia dizer como é que eles enfrentam, né?, na gestão do programa. Porque você está reunindo setores que têm concepções distintas, não é concepção distinta, são expectativas distintas. Você tem que colocar em comum acordo. De um lado, estão aqueles que fazem política agrícola, de outro lado, estão aqueles que usam o alimento para programas alimentares, do outro lado, estão aqueles que fazem alimentação escolar, do outro lado, está a economia, do outro lado, o orçamento, a inadimplência. Então, essa é a condição da intersetorialidade. E para avançar nas políticas sociais obviamente, eu não vou repetir, é preciso pensar a agricultura familiar e esses programas dentro de um modelo diferenciado.

Tem uma perna disso que está faltando, que é fundamental, o Daniel mencionou, mas eu quero ser mais enfático que ele ainda, que é a redefinição da alimentação escolar. Se o PAA é uma grande inovação neste campo, eu não tenho a menor dúvida de que a nova definição do programa de alimentação escolar é um marco, se aprovada como está, nos programas alimentares do Brasil. Mas esse "se aprovado como está" não é nada garantido. Então eu quero aproveitar esse momento privilegiado onde tem tanta liderança aqui, tanto setor de governo, ministro, etc. para estimular a todos que ainda não se envolveram, que se envolvam na mobilização que nós estamos promovendo para que este projeto ande e, principalmente, para que seja aprovado sem grandes modificações. Sobretudo, naqueles componentes que mais nos interessam.

Há um segundo desafio que é o aperfeiçoamento institucional do programa, acho que o debate vai mostrar como é que você melhora a institucionalidade dele, os espaços de deliberação, as relações entre as esferas de governo, as relações obviamente com as organizações sociais.

Tem um terceiro desafio que a gente sempre fala, e o Tortelli já deu até números, que são os recursos. É claro que um programa importante, a importância do programa, entre outras, se manifesta no volume de recursos que recebe. Isso é bastante evidente. A gente tem sempre esse hábito, o bom hábito de olhar o orçamento para saber o que anda acontecendo.

Mas eu queria dizer que não é só uma questão de recursos, o volume dos recursos. O PAA requer uma reflexão sobre quais são as fontes desses recursos, quais são os instrumentos de liberalização desses recursos, até porque ele tem, de fato, esse caráter intersetorial.

E quarto e último desafio é, que eu tenho a impressão que está na concepção desse programa, se eu bem conheço a comissão organizadora, está na concepção desse programa conferir visibilidade às experiências do PAA. Nós todos que trabalhamos nesta área conhecemos, né?

Os filmes mostram, a gente fica feliz e diz: "Olha como elas são interessantes". Mas não acredito que elas tenham visibilidade suficiente na sociedade brasileira, pelo menos, a visibilidade que deveriam ter.

Então, eu acho que um desafio que o programa enfrenta, deve enfrentar e que esse seminário pode contribuir é como você pode, como devemos fazer para conferir maior visibilidade às experiências com dois objetivos. O primeiro objetivo é para que a sociedade compre o programa, o seu conteúdo. Ele já é bastante bem avaliado, mas acho que o conhecimento que a sociedade tem da sua relevância, do impacto que tem a importância do programa. Falo da sociedade em geral, não estou falando das organizações de produtor e nem de gestor da merenda escolar, estou falando da sociedade em geral, ela é quem tem que saber. Mas tem uma segunda razão também, quando você confere visibilidade às experiências, elas incidem sobre as políticas públicas e aperfeiçoam as políticas públicas. Acho que é esse que deve ser o grande objetivo.

Então eu queria mais uma vez agradecer à comissão em nome do Consea, acredito que em nome dos demais membros aqui da mesa, demais patrocinadores do seminário, agradecer muito à comissão organizadora, agradecer a vocês que vieram e desejam a todos nós um bom seminário.

Muito obrigado.